



Ana Martins Marques. *Risque esta palavra.*

MARQUES, Ana Martins. *Risque esta palavra.* São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 114 p.

Resenha

Suzana Pagot*

ORCID: 0000-0002-0160-3263

E-mail: suzanapagot@gmail.com

Aprovado: 31/10/2021

Rebecido: 08/02/2022

Nessa obra, a poesia de Marques é um dizer gravado na potencialidade intuitiva, irreverente e transgressora do signo. Primeiramente, porque a realidade poética fundada na palavra revela os rastros de necessárias aproximações inusitadas para lembrar que “[...] há leões e laranjas/ falcões e hangares/ anêmonas e zinco [...]” e “pensar que devemos estar/ à altura/ disso” (p. 35-37). Segundo, posto que afronta a morte, insubordina-se “Mas não serei eu/ a pôr-lhe a mesa/ – quando chegar [...]” (p. 25). E ainda, ousa inaugurar uma religião para “Adotar novas bíblias:/ longos romances inacabados/ palavras lidas sobre os ombros/ de alguém no metrô/ [...] E no Natal/ só celebrar o que nasce / do sexo/ para morrer/ de fato.” (p. 14).

A autora toma a palavra como um lugar físico, um objeto, uma criatura, entregando-lhe uma espécie de consciência com autonomia de criar identidades, corpos e almas. A palavra, nesse contexto lírico, vai alçando diferentes gradações de sensibilidade, de textura, de forma, de enlaces e de sentidos. Esses movimentos ensinam à palavra outros lugares de estar, outros modos de filtrar os diferentes matizes da condição humana.

A vivência da palavra no cerne da palavra-poesia é uma experiência libertadora. Livre para ser não uma palavra, “mas uma canoa em chamas” ou “um acidente doméstico”, ou “cracas” grudadas “no casco/ de uma embarcação antiga” (p. 12). Nesse palco, completamente solta, a palavra pode assemelhar-se a um “naufrágio”, a uma “lembrança”, ou um objeto de troca, nos pequenos e grandes cenários dos fazeres cotidianos. Nas quatro partes em que a obra é dividida, a saber: *A porta de saída*; *Postais de parte alguma*; *Noções de linguística*; *Parar de fumar*, o leitor é conduzido por uma jornada insólita na qual “as línguas são meios/ de viagem, são meios/

* Doutora em Letras/Literatura Brasileira (UFRGS).

de transporte as palavras:/ carregam consigo o camelo/ o arranha-céu a baleia/ não só a baleia/ todas as baleias/ não só o amor/ todo o amor” (p. 65).

A forma epistolar com que desenha o poema de abertura inaugura o movimento íntimo, singular e dialógico que percorre os poemas. Além da interlocução com um *tu* “amigo”, ela estabelece as bases para o diálogo com o leitor, enlaçando-o na ambiguidade do discurso. A palavra torna-se portadora da notícia de como a voz lírica anda sobrevivendo, confidenciando: “Meu amigo, // quase já não escrevo/ passo o dia sentada em algum lugar// olhando florescer qualquer coisa que esteja/ posta diante dos olhos” (p. 11). Um recurso potente para estabelecer a cumplicidade da poesia com o leitor.

Esse caráter confessional da lírica de Marques se desdobra. Quando contemplada a obra em seu conjunto, deflagra-se o paralelismo entre o primeiro e o último poema, visto que aquele principia pelo vocativo “meu amigo” e este abre-se com “Encerramos afinal nossa aventura/ eu e tu” (p. 114), retomando, assim, o fio da conversa, remetendo-se ao interlocutor para se despedir. Essa montagem na composição estrutural, permite ler os poemas tanto como composições envoltas em seu próprio universo poético, como também elos constitutivos de uma longa missiva. Nesse sentido, amplia o arco temático nos múltiplos significados e formas que transitam pelos poemas.

A fragilidade humana enreda-se pelos poemas, ora na figura da morte, pelo apagamento por ela produzido: “você será então só aquilo de que eles se lembram/ uma pessoa muito diferente da que você foi” (p. 15); ora no sofrimento pelo desenlace amoroso: “já fui um ser de duas cabeças/ e ancas/ já tive quatro pernas duas bocas/ tive quatro braços e mãos/ e vinte dedos das mãos/ e dois sexos e dois corações/ pulsando/ simultâneos” (p. 28); pela estranheza nos embates fronteirios entre as línguas “somos como duas línguas estrangeiras// [...] com suas histórias de violência e recuo/ hostilidade e hospitalidade/ ressoando uma os sons da outra/ movendo-se como placas tectônicas” (p. 75); ou pela dependência e insegurança, metonimicamente representadas pelo cigarro “O que fazer agora/ com as mãos/ cegas?// o cigarro é parente/ do lápis” (p. 95); e ainda “Incendiária, sim/ mas de mim mesma// tinha uma desculpa para sair// para fora de todos os lugares// E podia estar calada/ enfiada num canto// de todas as festas” (p. 97).

Na primeira parte, um dos temas recorrentes é a morte, vista não como um fim, mas incorporada a um ciclo, pois segundo atesta a voz lírica: “Acabamos de lançar tuas cinzas/ surpresos que reste/ tão pouco de ti/ [...] em meio a tudo o que/ te sobreviveu/ — e tu estás/ em tudo” (p. 18). Marques restaura o sentido mais intrínseco do sujeito, integrado e equalizado junto às forças da natureza. Nos deslocamentos e nas oscilações perpetrados pelo enfrentamento da morte, a voz lírica encontra refúgio nas memórias da infância, na percepção da vida como continuidade, convergindo para o equilíbrio, tentando compreender vida e morte em sua totalidade.

O itinerário que percorre a voz lírica, em *Postais de parte alguma*, é concebido pelos sentidos possíveis que assume a partir da temática da viagem, ao visitar lugares internos e externos reinventados pela memória. São caminhos de um ir e vir do passado para o presente e seus avessos, reproduzindo poeticamente as vivências, tanto em espaços reais como “Praia das Maçãs”, “Minas Gerais”, como nas abstrações do corpo estimuladas pela lembrança do erotismo de encontros amorosos nos quais “a memória é agora o lugar” (p. 54). Valoriza a matéria da memória para concluir que na recriação poética do passado, a experiência de viagem pela poesia supera qualquer outra viagem.

Na terceira parte, *Noções de linguística*, o olhar da poeta perscruta as dimensões dos encontros e desencontros das línguas. Nesse processo, o pensar sobre o mundo articula-se ao que as diferentes línguas revelam sobre ele. As imagens construídas pela reiteração do recurso da metalinguagem evidenciam a língua como constituinte do ser, matriz e modelo de sua subjetividade e

de sua relação com o outro: “No princípio/ toda língua é estrangeira// [...] acerca-se de seu corpo como de uma cidade/ até tomá-lo// ela pensa o seu sexo/ ela pensa o seu coração – fecha-os/ abrin-do-os” (p. 62).

Parar de fumar é mais um passo na aproximação do território particular do lirismo da poeta. A dicotomia fumar/não fumar denota tanto a natureza da transitividade da linguagem poética na vastidão de temas possíveis, como a habilidade da autora em instaurar uma organização tal que dê fruição à poesia. A tensão estabelecida pela imagem de ruptura, intensifica o caráter da subjetividade implicada. O eu lírico despede-se tristemente de seu cigarro. Metaforicamente, alinhava a ideia de despedir-se de tudo que foi, que lhe autorizava a ser, que representava a si mesmo. Ratifica a dificuldade de reinventar-se e sente falta de “fabricar” a “própria nuvem”.

Nessa última parte, são convidados para o diálogo Julio Ramón Ribeyro, Wislawa Szymborska, Caetano Veloso, Drummond, Roberto Bolaño e até a Wikipédia como autoridades que possam corroborar que “O mais belo poema/ da língua (já se disse) é:/ pode me emprestar/ o fogo?” (p. 108). Nesse jogo entre o lúdico e o trágico, duas pontas estão inscritas: no plano pessoal a mudança, mesmo que relutante, de um modo de viver “Despeço-me/ de um jeito meu/ que eu tinha” (p. 93); no plano existencial, a crise de identidade quando “[...] de um lado o mundo todo e as insistentes coisas exteriores/ que existem/ e do outro alguém, carne emaranhada num nome” (p. 109).

Apesar da verticalização dos temas pelas camadas dos poemas, a voz lírica desautoriza o que poderia ser um discurso amargo e de desencanto. Abraça com delicada leveza a poesia, celebrando-a como um lugar onde se espera que lhe deixem “dizer” “o que dizem” (p. 89), um salvo-conduto, porque “[...] no transporte público no supermercado/ num guichê no meio de uma tarde/ qualquer/ ela – a poesia – parece estar de volta” (p. 114).

Ler *Risque esta palavra* é povoar os cinco sentidos pela profusão sensorial advinda do tratamento dado à linguagem, como, por exemplo, no poema “Alter do Chão”, em que “vidro”, “areia”, “pedra”, “breu branco”, “formiga de cheiro”, “coração oco da floresta” entram pelos olhos, ouvidos, pela pele, aguçam o olfato em uma peregrinação vertiginosa que carrega um “corpo” cansado que chega para aportar “no igarapé um mergulho” que “[...] apaga você do mundo:/ o silêncio dentro d’água” (p. 51).

O evento de sentir pelo viés da palavra objetificada e corporificada modifica a relação que o leitor tem com a própria língua, justamente pelo estranhamento que a desarticulação da palavra de seu estado de signo para um estado de objeto produz: “depois fico tentada a correr atrás daquela pessoa/ e devolver-lhe a palavra que ela deixou/ cair por descuido” (p. 68).

Inscritas nos versos de Marques está a poesia clássica, a mitologia, os grandes poetas de variadas geografias como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa, Philip Larkin, Edna St. Vincent Millay, William Shakespeare, Ingeborg Bachmann, Jorge de Sena, Kobayashi Issa, W.G. Sebald, Giuseppe Ungaretti, Joseph Brodsky, demonstrando sua movimentação por diferentes estilos, épocas, culturas em suas confabulações literárias com a tradição e com a arte, como no caso do “Poema com o som de sua própria fabricação”, composto a partir das experiências artísticas minimalistas, de Robert Morris.

As composições de Marques cumprem uma das leis mais caras à poesia contemporânea, ou seja, a aproximação da arte com a linguagem cotidiana, com a língua ordinária que sublinha o tempo da poesia, marca seu momento histórico. Da mesma maneira, seus temas projetam nos poemas o agora com todas as suas idiossincrasias e inscreve com isso, na poesia, a cultura, a história, a política.

A variedade performática da palavra projeta a unidade da obra. Plural e multifacetada, a poesia é sublinhada pelo mergulho na subjetividade, expressando a humana e universal necessidade do sentir-se vivo, tão próximo a “colheres”, “cães”, “sol”, “medusas”, “oceanos”, “corais”, “baleias”, “automóveis”, “livros”, registrando sua presença no mundo, escrevendo sua história. Nas combinações do ritmo dos poemas, na musicalidade, no arranjo cuidadoso da cadência das palavras produz o caldeamento necessário para a emblemática junção entre a forma e o conteúdo. Desse modo, pulsa qualquer coisa de físico, de “língua”, de “mãos”, de “cabelos”, de “ossos” que filtram as experiências, as memórias e contribuem para a reflexão sobre as coisas do mundo e seus avessos. Há um corpo poetizado que surpreende o leitor pela complexidade simples ou pela simplicidade complexa na maneira de lidar com o inusitado das palavras. Com esta obra a poesia está em festa, porque mais “Alguém acendeu uma lâmpada num livro” (p. 81).

Ana Martins Marques é mineira, nascida em Belo Horizonte, em 1977. Estudou Letras e tem doutorado em Literatura Comparada pela UFMG. Autora premiada em 2007, com o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, na categoria “Poesia – autor estreante”, e, em 2008, recebeu novamente o mesmo prêmio, na categoria “Poesia”. Publicou vários livros, entre eles *Da arte das armadilhas* (2011) – vencedor do prêmio da Biblioteca Nacional; *O livro das semelhanças* (2015) – terceiro lugar no prêmio Oceanos; *O livro dos jardins* (2019) e *A vida submarina* (2021), lançado originalmente em 2009.